

## "Relatos visitados": história oral e pesquisa em turismo e hospitalidade. Considerações teórico-metodológicas

Bruno Pereira Bedim ([brunobedim@yahoo.com.br](mailto:brunobedim@yahoo.com.br))\*

Heber Eustáquio de Paula ([hpaula@cedufop.ufop.br](mailto:hpaula@cedufop.ufop.br))\*\*

### Resumo

O artigo discute as contribuições da história oral enquanto método de pesquisa nos estudos em Turismo e Hospitalidade, refletindo sua aplicabilidade ao se estudar qualitativamente a dimensão social destes fenômenos a partir dos relatos de agentes envolvidos no processo turístico - visitantes ou visitados. Parte-se de uma revisão bibliográfica para então analisar alguns exemplos empíricos, delineando assim uma discussão sobre as circunstâncias de produção dos relatos, através da crítica das condições de obtenção dos dados e do respectivo papel de vigilância metodológica a ser desempenhado pelo pesquisador. Nesta perspectiva, propõe-se a um olhar atento para os aspectos que revelam o Turismo e a Hospitalidade como produções das sociedades humanas, indissociáveis, portanto, dos seus aspectos históricos e sociais, no intuito de se ampliar o entendimento sobre esses fenômenos e sobre as sociedades que os produzem.

**Palavras-chave:** Turismo; História Oral; Hospitalidade; Pesquisas Qualitativas;

### Abstract

This article discuss the contributions of oral history as an approach to the socio-anthropological research technique of tourism, reflecting its applicability in qualitative studies of the social dimension since the agent's reports involved in the process - visitors or visited. In that sense, it discusses about the reports productions circumstances by means the criticism of the data obtainment conditions and respective importance of the metodological observance role being performed by the researcher. It proposes, thus, one attemptive search for the aspects that shows the Tourism and the Hospitality as human societies productions, therefore, of its historical and social aspects, in the anxiety of if it enlarges the understanding on the cultural phenomena and about the societies which produce them.

**Key-words:** Tourism; Oral History; Hospitality; Qualitative Studies;

## Introdução

Ao longo do processo histórico ocidental, o homem, pontuadamente, se desloca pelo espaço social - seja pelos lastros milenares da movimentação causada por eventos culturais na antiguidade (como os jogos olímpicos), seja em virtude das condições de subsistência. Na contemporaneidade, contudo, verifica-se a reprodução de tal fenômeno, agora assumindo novas formas sociais - quer seja, as experiências modernas do turismo e do lazer.

Uma vez produto do processo histórico moderno, o turismo se insere entre os inúmeros fenômenos sociais engendrados pela modernidade e suas tendências econômicas, políticas e culturais a transformar o mundo. Traz consigo a importância da viagem na experiência ocidental; a projeção e a contestação, no âmbito acadêmico, do indivíduo em movimento, "espíritos sem lar", sem um lugar fixo, sem uma identidade aprisionada no tempo - o turismo como signo de um mundo sem fronteiras, porém delimitado em si; sem distâncias aparentes entre etnias e lugares, mas cuja proximidade não necessariamente significa o entendimento entre os povos; a compressão tempo-espaço a produzir contradições, donde o turismo e a hospitalidade se tornam preocupação teórica e empírica entre as ciências sociais.

Diante disso, têm-se observado, nos últimos anos, à emergência de abordagens socioantropológicas nos estudos em Turismo e Hospitalidade, as quais, não raro, se inclinam a retratar os processos interacionais entre os turistas e as populações receptoras. Neste contexto, pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento lançam mão de diversificadas técnicas de coleta de dados e linhas metodológicas de análise do turismo, no afã de se compreender a dimensão sociocultural deste fenômeno.

Considerando a existência de variadas vertentes metodológicas no âmbito das ciências sociais no que tange ao desenvolvimento de pesquisas descritivas - principalmente as que visam a investigar as características e transformações no cotidiano de grupos específicos - a História Oral tem se apresentado como método de observação direta dos agentes envolvidos no processo turístico, viabilizando assim o registro dos respectivos depoimentos pessoais sobre as culturas, formas de organização social e visões acerca do desenvolvimento deste fenômeno em diferentes localidades.

De acordo com Geertz (1989), vivemos num contexto em que não são apenas os antropólogos que podem "estar lá" e ter contato com os diferentes povos e culturas<sup>1</sup>, já que os turistas também "lá estão" - assim como pesquisadores de outras disciplinas.

O turismo é, pois, a cultura viva a perambular por territórios; a interação móvel entre lugares, indivíduos e grupos sociais; ícone da modernidade em movimento.

Ao defender a onipresença da viagem no espírito moderno e sua capacidade em povoar o imaginário dos lugares, Octavio Ianni (2000:13) lembra que a viagem atravessa a história dos povos, movendo o (des)encontro entre o "outro" e o "eu"; compreende assim variadas significações, à medida que se destina a ultrapassar, recriar ou dissolver fronteiras. Simultaneamente, "demarca diferenças, singularidades ou alteridades, demarca semelhanças, continuidades, ressonâncias". Coloca, pois, lado a lado, configurações socioculturais diversas, próximas e distantes, presentes e passadas, distintas formas de sociabilidade:

*Em cada localidade, cidade, comunidade ou sociedade o imaginário está povoado de viagens presentes, pretéritas ou futuras,*

\*Bacharel em Turismo/ UFOP, Mestrando em Geografia Humana/ UFMG. Pesquisador vinculado ao Núcleo de Pesquisas Avançadas em Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto. Bolsista da Capes pelo Instituto de Geociências/UFMG, onde desenvolve dissertação sobre Turismo e Pluriatividade em Comunidades Rurais, sob a orientação da professora Dra. Maria Aparecida dos Santos Tubaldini. Áreas de atuação: Turismo e populações rurais; Multifuncionalidade da agricultura familiar; Processos sociais no campo; Cultura e resistência camponesa.

\*\*Doutor em Sociologia - Universidade de Brasília/ UnB; Professor Adjunto II da Universidade Federal de Ouro Preto, onde leciona disciplinas como Sociologia do Turismo; Introdução aos Estudos do Lazer; Lazer e Animação Turística. Pesquisador do NUPETUR - Núcleo de Pesquisas Avançadas em Turismo/ UFOP, no qual desenvolve projetos relacionados à abordagem sociológica do fenômeno turístico.

<sup>1</sup>"...devido às formas globais instantâneas de comunicação e transporte, as distâncias tornaram-se reduzidas. A compressão tempo-espaço e o contato com culturas diferentes agora forjam as experiências pessoais do mundo de uma forma global. Assim, diz-se que remotas áreas tornaram-se mais próximas e interligadas, assim como 'o exótico' tornou-se familiar" (ZHOURI, 2002:93).

*envolvendo viajantes, crônicas, relatos, narrativas, documentos, comprovantes, coisas, gentes, signos. Mesmo os que permanecem, que jamais saem do seu lugar, viajam imaginariamente ouvindo histórias, lendo narrativas, vendo coisas, gentes e signos do outro mundo (IANNI, 2000:14)*

Neste sentido, enganam-se os que pensam que o turista chega a uma terra ausente de história, bem como os que negligenciam o seu papel de agente a intervir na história dos lugares, indivíduos e grupos sociais. O turista é também parte integrante da história dos destinos que visita, reconstruindo-os e transformando-os; o turista é um fator reestruturante das práticas cotidianas; ele agrega novas memórias ao imaginário popular dos lugares.

A hospitalidade, por sua vez, capta o espírito da relação socialmente construída entre anfitrião e hóspede, esse (des)encontro de subjetividades a produzir interações dialógicas no plano interacional. Seu estatuto de antiguidade se vincula à história dos viajantes e, na contemporaneidade, condensa a interface mais humanizada do fenômeno turístico, transcendendo à forma com que o turista é tratado para, então, refletir a intersecção entre costumes, usos, etnias e temporalidades distintas - tanto dos visitantes quanto dos visitados. Castelli (2005:4), aliás, pontua que "no encontro entre visitante e visitado, existe sempre uma árvore proibida, plantada entre ambos. Ou seja, uma privacidade do visitado, que cabe ser respeitada por parte do visitante, o mesmo ocorrendo na relação oposta".

Por conseguinte, o estudo sistemático das dimensões sociais que envolvem a delicada relação entre visitantes e visitados estimula, no âmbito acadêmico, a problematização e a teorização em torno de técnicas e métodos muitas vezes marginalizados por alas positivistas, como é o caso da história oral.

Esse tipo de discussão ainda se faz necessária no meio acadêmico que permeia as pesquisas em turismo, onde algumas formas de conhecimento são mais legitimadas que outras, face a tendência de matematizar os objetos de pesquisa, como se os números melhor representassem as realidades estudadas. É válido lembrar, contudo, que em muitos casos só a pesquisa qualitativa pode revelar como o sujeito vivencia os problemas que a pesquisa quantitativa aponta, demonstrando assim as estratégias que os diferentes atores desenvolvem em sua vida social.

Mas o que é a história oral? Em que medida ela pode ser utilizada nos estudos envolvendo turismo e hospitalidade?

Segundo Alberti (1990:1), definir a história oral não é tarefa das mais fáceis, uma vez que "seus limites esbarram com categorias de diversas disciplinas da área das ciências humanas, como biografia, tradição oral, memória, linguagem falada, métodos qualitativos, etc.". Além do mais, ora a história oral constitui um método de investigação científica, ora fonte de pesquisa, ora ainda técnica de produção e tratamento de depoimentos gravados (ibid.). Voldman (2005) lembra que o depoimento oral pode revelar aspectos insuspeitados da pesquisa, acarretar um reexame das hipóteses ou simplesmente alterar hierarquias estabelecidas. Já Bourdieu (2005:183) levanta questões e problemas indispensáveis ao debate acerca dos relatos orais, e considera inclusive a história de vida - um desdobramento da história oral que narra trajetórias individuais - como sendo "uma dessas noções do senso comum que entraram como contrabando no universo científico". Ao definir a história oral, Alberti (op.cit.:1), argumenta que a mesma não pertence a um campo restrito do conhecimento, uma vez que sua essência requer interdisciplinaridade:

*Não se pode dizer que ela pertença mais à história do que à antropologia, ou às ciências sociais, nem tampouco que ela seja uma disciplina específica das ciências humanas. Desse modo, ela não encerra um estatuto independente, ao contrário: sua especificidade está no próprio fato de se prestar a diversas abordagens, de mover num terreno pluridisciplinar.*

Por sua vez, Paul Thompson (2002:9) sublinha que a definição conceitual da história oral deve se inserir numa perspectiva ampliada, enquanto método "essencialmente interdisciplinar", no sentido de se buscar a "interpretação da história e das mutáveis sociedades e culturas através da escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências". O autor destaca ainda a importância da história oral no que concerne a registrar os aspectos socioculturais da vida das minorias, dos que vivem à margem do poder, cujas "vozes ocultas", raramente aparecem documentadas nos arquivos históricos<sup>2</sup>. Joutard (2005:52) registra a marginalidade desse método no âmbito acadêmico, bem como o desenvolvimento de uma história oral antropológica voltada para temáticas presentes nas diversas experiências nacionais, tais como os fenômenos migratórios, a problemática dos gêneros, o mundo do trabalho ou a construção de identidades. Ademais, o autor observa que tal marginalização é vista por alguns militantes da oralidade como sendo "a garantia de uma verdadeira história alternativa democrática, uma história que dá voz aos vencidos". De fato, a história oral, ao longo de sua trajetória, não raro vem contemplando as minorias, bem como reproduzindo o discurso dos excluídos<sup>3</sup>. Sendo assim, o desenvolvimento de tais mecanismos de acesso à compreensão da realidade social pode ser bastante útil à nossa tarefa de produzir conhecimento em Turismo e Hospitalidade - se apresentando, em especial, como um valioso instrumento a captar a voz

às "populações visitadas", conforme enfocaremos mais adiante.

Não obstante, Freire e Pereira (2002:128), estabelecem um paralelo entre História Oral e Turismo<sup>4</sup>, pontuando que ambos "lidam com viagens no tempo e no espaço, atendendo à necessidade que todos temos, moradores e visitantes, de nos reconhecermos e nos diferenciarmos no contato com o outro". Dessa forma, as autoras entendem a aproximação entre História Oral e Turismo como um mecanismo de se ampliar o acesso aos bens culturais, incluindo suas interfaces com a memória das comunidades receptoras e os processos de construção de identidades coletivas. E, ainda, sugerem que "seria oportuno e produtivo que a metodologia da história oral também fosse abordada nos cursos que preparam planejadores e gestores do turismo no Brasil".

Tal sugestão é bastante oportuna ao nosso debate, já que o desenvolvimento de tais mecanismos de acesso à compreensão da realidade social pode ser extremamente útil aos propósitos do pesquisador que se dispõe a produzir conhecimento em Turismo e Hospitalidade.

Em nossa área de produção de conhecimento (Turismo), historicamente marcada pelas abordagens economicistas e quantitativas, é comum aqueles que desconhecem os processos da pesquisa qualitativa<sup>5</sup> - e nesta inclui-se a modalidade do método história oral - nutrirem a idéia de que ela pode ser realizada sem a presença de critérios metodológicos de pesquisa, como forma de controle de dados, validação de instrumento, aspectos éticos e legais, etc.

Tudo isso talvez porque, aos olhos do observador desatento, não é tarefa científica sair por aí interpelando as pessoas com um gravador, um roteiro e algumas perguntas na cabeça. Faz-se importante, então, que tenhamos a reflexão necessária para

<sup>2</sup>De acordo com Queiroz (1988), o relato oral possui estatuto de antiguidade, sendo a maior fonte humana de conservação e difusão do saber.

<sup>3</sup>Nas palavras de Lígia Pereira (2000:125): "A história oral, como se sabe, tem desempenhado importante papel, ao dar palavra e tornar pública a voz daqueles que não têm acesso à escrita: os trabalhadores rurais e urbanos, as camadas populares, em geral, as minorias". Não obstante, Bedim (2006a) situa tal discussão a partir de um retrospecto dos estudos envolvendo grupos camponeses no Brasil.

<sup>4</sup>O texto de Freire e Pereira (2002), de acordo com nossas pesquisas, é a publicação pioneira a abordar as interfaces entre História Oral e Turismo, a nível nacional. Embora tal artigo não tenha como propósito o tratamento dos aspectos metodológicos envolvendo a temática em questão, sua contribuição se dá no enfoque despendido às possibilidades de uso da História Oral como um fator a agregar valor à visitação, reafirmando o seu papel como instrumento a registrar a memória das localidades receptoras.

<sup>5</sup>Para uma discussão mais aprofundada sobre a relevância e abrangência das pesquisas qualitativas, ver Denzin e Lincoln (1994).

compreender que tais instrumentos de investigação têm estatuto próprio, construído com base em décadas de prática de pesquisa, e para as quais temos que nos capacitar.

Tendo em vista os processos sociais engendrados pelo turismo nas localidades receptoras, é possível que a história oral seja entendida como um instrumento potencial para registrar as mais variadas representações e anseios das "populações visitadas", uma vez que, conforme pondera Krippendorf (2003), os custos sociais do turismo não costumam aparecer em nenhum levantamento contábil dos empreendimentos econômicos engendrados por este fenômeno. Ademais, Barretto (2004:136) lembra que "a relação visitante-visitado não pode ser analisada sem referência às estruturas e processos sociais aos quais está conectada". O conhecimento de tais processos, muitas vezes, pode ser alcançado a partir da estruturalidade da história oral.

### Considerações metodológicas sobre a problematização de roteiros e da situação de entrevista

Os relatos orais, enquanto produto de um método específico, só adquirem pleno sentido se devidamente esclarecidas as circunstâncias em que são criados, através da crítica das condições de obtenção dos dados. A princípio, deve-se compreender que a própria problemática, via de regra, é imposta pelo pesquisador e não pelo turista ou o autóctone entrevistado - o que já compromete a eventual "neutralidade" da pesquisa, uma vez que o roteiro submete o entrevistado à estruturação de problemas que não foram criados por ele, podendo ocasionar respostas reativas (THIOLLENT, 1985:23). Assim, roteiros, questionários e entrevistas não podem ser concebidos como fins em si, devendo ser submetidos ao controle

metodológico, pois "a crítica dos dados implica numa crítica dos instrumentos".

Na situação de entrevista deve-se, como princípio, privilegiar a memória do entrevistado<sup>6</sup>. Entretanto, Alberti (1990:5) alerta que "a presença e a interação do entrevistador acrescentam-lhe outra(s) biografia(s) e outra(s) memória(s)". Ademais, a possível distância social e cultural entre os universos do pesquisador e do agente exige um esforço extra, bem como um questionário e uma linguagem acessível ao entendimento de ambos os universos. Assim, para que haja uma adequada interpretação das perguntas e respostas, entrevistador e entrevistado devem conferir à pergunta a mesma significação e a mesma função (BOURDIEU, 1985b). Para tanto, é necessária moderada dose de "relativismo cultural"<sup>7</sup>. Portanto, o pesquisador precisa manter-se vigilante, tomando as devidas precauções para que não haja a transposição de suas categorias de percepção, ação ou valores para o microcosmo das populações estudadas.

Tais constatações se apresentam como um desafio às pesquisas em turismo e hospitalidade, uma vez que os atores pesquisados - visitantes ou visitados - possuem origens geográfico-culturais distintas, já que um mesmo destino turístico pode concentrar turistas de variadas nacionalidades e, ainda, atores autóctones bastante heterogêneos entre si.

Daí a preocupação adicional na elaboração das perguntas, no intuito de apresentá-las por meio de um linguajar acessível, de fácil compreensão, sem, no entanto, simplificá-lo em demasia - o que poderia subjugar a capacidade intelectual dos entrevistados. Ademais, vale destacar que entre os próprios agentes entrevistados pode haver diferenças culturais e étnicas, o que leva-nos a questionar se a mesma pergunta teria significação comparável para

6 Ao analisar entrevistas contendo memórias de viagens de ativistas britânicos pela Amazônia, a antropóloga Andréa Zhouri (2002:92) ressalta que os mesmos "experimentaram viagens e deslocamentos como parte de seu engajamento político". Nas lembranças de suas viagens, alguns *campaigners* britânicos tendiam a rememorar paisagens físicas e, contraditoriamente, se esqueciam do panorama social das regiões visitadas. Neste sentido, sublinhavam suas experiências para com o ambiente natural amazônico, evitando referências explícitas às populações locais e seu contexto social, como se a Amazônia visitada por eles fosse um espaço demograficamente vazio.

7 Entende-se por relativismo cultural o princípio de que "a experiência é interpretada por cada pessoa em termos de sua própria experiência, quadro de referência e normas sociais, a que estes fatores influenciarão a percepção e a avaliação, assim como não há uma escala de valor aplicável a todas as sociedades" (WINICK apud THIOLLENT, 1985:48).

todos os depoentes - por exemplo, um roteiro de entrevista diferenciadamente adaptado a um grupo de turistas alemães dificilmente seria aplicável ao universo cultural de turistas mexicanos, por exemplo, embora esses diferentes atores possam se concentrar temporariamente num determinado lugar turístico. Embora os turistas estejam geograficamente próximos nos destinos, pode haver uma barreira cultural muito grande entre eles, à medida que essa eventual situação de proximidade que os une também os distancia, simultaneamente<sup>8</sup>.

A confecção do roteiro, por sua vez, dá-se após pesquisa bibliográfica sobre o tema enfocado e o destino pesquisado, bem como requer visitas de campo preliminares e informações sobre o perfil dos turistas e sobre as populações locais. É aconselhável que se ordene os assuntos por temáticas, cujos tópicos correspondam às hipóteses da pesquisa, as quais serão indiretamente repassadas ao entrevistado, ora como temas abertos, ora sob a forma interrogativa - quando o questionamento for muito específico ou, eventualmente, para facilitar a verbalização do respondente - o que, por outro lado, pode aumentar a probabilidade de distorção. É relativamente comum, em história oral, proceder-se à aplicação de entrevistas semi-estruturadas, aplicando-as a partir de perguntas abertas<sup>9</sup> que obedecem uma certa ordem temática - de acordo com as diretrizes do roteiro pré-elaborado.

Conforme já destacado, o roteiro geral deve estar adaptado às diferentes categorias analisadas, a partir da representatividade social dos agentes, suas leituras e visões acerca do tema a ser enfocado. Considera-se cada turista como indivíduo representativo tanto da sua cultura de origem quanto do destino turístico em que está. Neste sentido, cada turista deve ser localizado socialmente, no intuito de se extrair do depoimento individual as marcas do meio social em que o sujeito vive.

Sendo a entrevista um encontro de subjetividades e uma situação social artificialmente construída<sup>10</sup>, o turista entrevistado é entendido como um representante de sua cultura - embora o mesmo tenha suas características individuais. Pode-se inferir que essa passagem pelo indivíduo turista desemboca num viés paradoxal, já que, conforme lembra Michelat (1985:197), "é a partir do que há de mais individual e de mais afetivo que vamos tentar alcançar o que é sociológico". Ademais, segundo Durkheim (1978:2), o social se constitui quando algo apresenta a propriedade marcante de existir fora das consciências individuais, sendo exteriores ao indivíduo - embora lhe possa ser imposto coercivamente.

A natureza das questões, o envolvimento do entrevistado no assunto, a contaminação das perguntas<sup>11</sup>, e a postura do entrevistador durante o processo de entrevista são apenas algumas das eventuais fontes de distorção a serem submetidas à vigilância metodológica do pesquisador (THIOLLENT, op.cit.). A conduta do entrevistador também é relevante na criação do concebido sobre o vivido, devendo o mesmo estar cômico de sua responsabilidade enquanto co-agente no processo que deflagra no documento oral (ALBERTI, 1990).

Lembranças da viagem, risos, memória, lágrimas, silêncio e hesitações - tanto do entrevistador quanto do entrevistado - constituem igualmente parte do *corpus*. Na leitura de Camargo (1990:9), "a história oral tem também o mérito singular de introduzir o pesquisador na construção da versão, o que significa introjetar no documento produzido o controle sistemático da produção da própria fonte".

Durante a entrevista, a busca pelo vernáculo, que é a fala espontânea, "natural". No diário de campo, o registro das

8 Neste sentido, ver Bedim e Tubaldini (2006a).

9 Entre as vantagens da pergunta aberta, Thiollent (1985) ressalta a exaustividade de alternativas possíveis.

10 Para maiores aprofundamentos sobre a subjetividade da situação de entrevista, ver Bourdieu (1998).

11 Segundo Thiollent (1985:32) "o efeito de contaminação consiste no condicionamento da resposta a uma pergunta em função das perguntas imediatamente anteriores".

condições em que a entrevista ocorreu. A partir dessas considerações metodológicas, o propósito de salvaguardar a dimensão e a consistência do que é revelado, constituindo o *corpus* a partir de suas múltiplas versões.

Ademais, um fator a ser problematizado: na maioria dos casos, o pesquisador será também um turista a interagir temporariamente no cotidiano dos lugares em que pesquisa, portanto considerado como um elemento exterior ao universo das populações autóctones; um outsider socialmente condicionado como tal. Além disso, deve-se considerar ainda que a presença e as interações do pesquisador, via processos de entrevista, pode causar intervenções nos grupos e indivíduos pesquisados. É o caso de se olhar para o entrevistado não como "objeto", e sim como sujeito histórico.

Neste sentido, mais uma questão: Quais os eventuais desdobramentos locais da interação entre entrevistador e entrevistados? A princípio, acredita-se que a seleção de determinados sujeitos - em detrimento de outros - possa conferir-lhes um maior *status* dentro de determinada estrutura social, uma vez que, em muitas localidades receptoras pesquisadas, há os "porta-vozes oficiais" - sujeitos historicamente privilegiados por pesquisadores e jornalistas, os que, via de regra, são entrevistados; aqueles que geralmente são apontados e reconhecidos pela maioria dos autóctones como "os que sabem falar". Ademais, o fato de o pesquisador introduzir problemáticas nunca dantes levantadas pelos agentes entrevistados pode neles despertar reflexões - e quiçá futuras ações - acerca dos problemas suscitados pelo pesquisador.

### **Campo de observação, amostragem e representatividade qualitativa**

Enquanto método essencialmente qualitativo, a coleta dos dados em história

oral costuma ser *in locus* e se restringe a um número limitado de pessoas. Sendo assim, no que tange à amostragem, uma alternativa razoável é a utilização das chamadas "amostras intencionais" - ou "amostragem estratégica" - onde a representatividade dos grupos investigados é feita por critérios qualitativos; pessoas ou grupos são entrevistados a partir de sua representatividade social na situação considerada: "Trata-se de um pequeno número de pessoas que são escolhidas intencionalmente em função da relevância que elas representam em relação a um determinado assunto" (THIOLENT, 2003:62).

Tendo em vista a variedade dos grupos populacionais e dos agentes envolvidos no processo turístico e nas interfaces humanas da hospitalidade - incluindo a interação dialógica entre visitantes e visitados - nesse tipo de pesquisa costuma-se estabelecer, a partir de um levantamento preliminar do contexto sócio-político e cultural do destino turístico estudado, os diferentes indivíduos a serem amostrados estrategicamente. Conforme salienta Alberti (1990:14), a escolha dessas "unidades qualitativas" entre os integrantes de determinada categoria requer um conhecimento prévio do objeto de estudo.

Embora os dados obtidos não sejam generalizáveis ao nível do conjunto da população, eles podem fornecer substância necessária à compreensão da situação investigada, revelando não apenas o perfil socioeconômico ou aspectos culturais do turista, mas também, traços da figuração<sup>12</sup> visitante-visitado, eventuais conflitos, interfaces socioculturais a caracterizar o destino turístico enquanto espaço de trocas simbólicas.

Mas e a questão da veracidade dos depoimentos? Como saber o que é real e o que é imaginado pelo entrevistado - ou

12 Do ponto de vista sociológico, as dinâmicas que organizam o movimento da interação entre visitantes e visitados são concebidas aqui como "figurações sociais", de acordo com a teoria figuracional de Norbert Elias. O conceito de figuração, segundo Elias (2006:26), fundamenta-se a partir do binômio indivíduo-sociedade - enquanto componentes indissociáveis de uma mesma estrutura - onde "cada ser humano assemelha-se aos outros e é, ao mesmo tempo, diferente de todos os outros". À medida que cada indivíduo se transforma, as figurações que eles formam entre si também se transformam. Mas a transformação dos indivíduos e de suas respectivas figurações são transformações de tipos diferentes e em planos distintos.

entrevistador? Até que ponto o pesquisador pode se comprometer com o que lhe é relatado? Os fatos narrados são "fidedignos"? Neste sentido, é significativa à pesquisa, independentemente de seus propósitos, considerar não apenas os fatos narrados em si, mas as construções sociais e representações dos episódios narrados, bem como as relações sociais que os procederam<sup>13</sup>. Cabe então ao pesquisador o rigor metodológico para que não se incline por "armadilhas êmicas", evitando assumir o discurso do outro como verdade, mas articular, contudo, as devidas precauções para não se tornar refém da narrativa alheia, no sentido de reconhecer que a oralidade - assim como a escrita - reproduz ideologias.

Vale ressaltar que os relatos orais são versões, olhares sobre fatos ou processos, verdades temporárias do ponto de vista dos envolvidos (NEVES, 2000). O papel do pesquisador não é o de apenas interpretar o que é relatado, mas ir além da interpretação do fato narrado em si, buscando as relações sociais que o procederam - refletir sobre quem diz, por que diz ou deixa de dizer, e por que diz do jeito que diz. Assim, o pesquisador deve estar cômico de que está criando um texto, uma representação da representação.

Isso significa que o pesquisador não pode se deixar levar pela narrativa dos sujeitos entrevistados, mas sim problematizar - e assumir - a construção metodológica do trabalho, tendo em vista que, conforme lembra Bourdieu (1998), o resultado é produto da nossa reflexão; o resultado não tem vida própria, ele não se produz sozinho, sendo que todo documento - oral ou escrito - tem um viés subjetivo. Sendo assim, a "objetividade" não está nesse ou naquele instrumento ou técnica, mas na forma com que o pesquisador trabalha os seus dados. A observância de tais pressupostos podem contribuir para conferir estatuto de cientificidade à pesquisa oral aplicada aos estudos do Turismo e da Hospitalidade.

Com vistas a aprofundar tal temática a partir de um ente empírico, situaremos nossas discussões a partir da reconstituição da gênese do turismo na Serra de Ibitipoca. Para se investigar as características e as transformações engendradas pelo turismo no cotidiano daquele grupo autóctone específico, procurou-se, a princípio, alguma técnica de observação direta dos agentes envolvidos que viabilizasse o registro de seus respectivos depoimentos pessoais acerca de sua cultura, suas formas de organização social e sua visão sobre o desenvolvimento do turismo no lugar. Para tanto, lançou-se mão da história oral, com vistas a demonstrar, conforme lembra Camargo (1990), a riqueza inesgotável do depoimento oral em si mesmo, não como mera fonte informativa, mas enquanto instrumento de compreensão ampliada do significado das ações e eventos humanos, do poder e o contrapoder existentes, e dos processos culturais e redes de sociabilidade que constituem o ambiente dentro do qual o fenômeno social turismo se desenvolve.

Eis, pois, a história oral como um instigante instrumento a subsidiar a compreensão das dimensões socioculturais do turismo e da hospitalidade, retratando os processos interacionais entre os turistas e as populações receptoras a partir dos relatos e histórias de vida de quem testemunhou tais fenômenos. Os depoimentos apresentados em nossos estudos refletem trajetórias, histórias e experiências pessoais diversas, mas que permitem estabelecer um eixo principal de reflexão em torno dos desdobramentos do turismo nos lugares - o que problematizaremos mais adiante.

### **Relatos orais e turismo: revisitando memórias na Serra de Ibitipoca (MG)**

Os primeiros turistas começaram a chegar a Ibitipoca no período que

<sup>13</sup>Conforme proposta metodológica de Paul Thompson (1992).



compreende o final dos anos 1960 e o início da década de 1970. Uma reportagem do Diário Mercantil (1971: s.p.) registra que, à época, "além de estudiosos e caçadores, os únicos visitantes da Serra são as pessoas acostumadas à prática do campismo, com larga experiência em acampamentos instalados em locais de acesso difícil". Não obstante, nos relatos orais os primeiros turistas que aportaram na região são descritos como "aventureiros", "mochileiros", "curiosos", "turistas de barraca", muitos dos quais seriam simpatizantes do movimento *hippie* e vinculados a uma vida "alternativa", sem maiores exigências mercadológicas com relação ao atendimento e demais serviços que envolvem o turismo (BEDIM, 2005).

Dessa forma, a análise de aspectos da relação entre os visitantes e a população visitada, bem como as conseqüências daqueles sobre estas (e vice-versa) apresentavam-se, assim, essenciais para se aprofundar o conhecimento da realidade local. Diante da escassez de referenciais bibliográficos e documentais que ilustrassem a gênese do turismo na Serra de Ibitipoca, nos anos 1970, lançou-se mão dos relatos de alguns agentes locais envolvidos no processo, conforme exemplificado no depoimento a seguir, o qual narra que os "nativos" (autóctones) foram cautelosos ao receber os primeiros visitantes. Na relação entre visitantes e visitados, um encontro entre culturas, valores e tradições diferenciados; assim como traços da hospitalidade local subentendidos no discurso. Pelas entrevistas, os agentes deixam transparecer as diferentes sensações que flutuam entre a curiosidade, o medo e a cautela deste "contato histórico" - alguns "nativos"<sup>14</sup> inclusive relatam que, na época, evitavam de sair às ruas:

*Escondia... Assim, pô, chegava um pessoal ali... vamos supor se a minha menina tivesse ali em cima né, um caso: Se chegasse um pessoal*

*estranho ela corria, nossa senhora: - "Pai, tem umas pessoa diferente ali, cruz credo!!". Aí o pai já ficava assustado também né. Aí quer dizer que era um tipo de medo que o povo tinha mesmo né? E era o turista... Tinha medo e vergonha de até informar as coisa pra eles.*

*- Mas por quê?*

*Porque nunca mexeu com aquele tipo de gente né. É só criado aqui no arraial, na roça, o povo fica meio acismado não fica?*

(Agricultor e ajudante de serviços gerais, 53).

No relato acima, o sujeito se reporta aos turistas como "aquele tipo de gente". O uso de tal expressão nos parece revelador, uma vez que subentende o distanciamento do sujeito face aos outros que chegam. É interessante também destacar que a pergunta/intervenção do pesquisador se referia a "como foi a chegada dos primeiros turistas?". O sujeito, contudo, pessoalizou sua resposta ao narrar uma situação pessoal de reação face a chegada de novos atores sociais ao lugar. Podemos, pois, enxergar na forma como tal relato é colocado alguns aspectos que contém as marcas do tempo e da situação social de encontro entre visitante e visitado - e sua respectiva representação, no presente.

A partir da primeira divulgação do Parque Estadual do Ibitipoca na imprensa nacional, fomentada pelo IEF, o lugar começou a atrair a atenção de visitantes, bem como de jornais e revistas de diversas partes do país. Na versão dos "nativos", a comunidade, a princípio, se auto-identificava como hospitaleira: "recebia muito bem, com todo carinho".

Desconfiados, os entrevistados afirmam que a princípio viam o turismo com bons olhos, muito embora não abrissem mão de sua "cautela histórica" ao receber os visitantes:

<sup>14</sup>O termo "nativo" é utilizado pelos sujeitos entrevistados para se auto-identificarem enquanto naturais de Ibitipoca. Nesta perspectiva, ver Bedim e Paula (2006).

*Ah, com muito medo, recebia com muito medo apesar que os turista todos são muito educado; tratava todos bem, mas sempre tinha um receio. Tratava, acolhia e tudo mais nas casa e dava direito para eles ampliar, fazer barraca em qualquer lugar assim. Mas receosos.*

(Agricultor aposentado, 79)

*Eles [os de fora] talvez tenha mais confiança em mim do que eu neles... Porque eles também é estranho de tudo. Eu também sou estranho para ele, mas eu estou localizado, e ele evém né. O sujeito tem um bocado de cisma daquele que vem. Cisma. Medo. É, uai... Você chega aqui e apresenta a mim sozinho, eu não te conheço nem nada: "Quê que você quer comigo?" - ainda tá na impressão. Ponta lá evém um turismo, uma pessoa ali e falo: "Quê que ele quer comigo será?" [...] Eu ainda tenho muita cisma. Mas converso com todo mundo: apareceu, procurou, eu converso.*

(Agricultor aposentado, 85)

Nestes depoimentos, os sujeitos não apenas mantêm um sentido de estranhamento para com o turista - muitas vezes identificado como "turismo" -, na condição de ser exógeno ao universo dos entrevistados - muito embora os relatos enfatizem as "forças psicológicas" que aproximam, unem ou separam esses indivíduos (visitantes e visitados). Nesta perspectiva, os *forasteiros (outsiders)*<sup>15</sup> que chegam a Ibitipoca personificados na figura do turista representam uma forma específica de interação para com o grupo *estabelecido (autóctone)*, flutuando no viés de visitarem e interagirem no espaço social deste grupo ao mesmo tempo que estão fora dele e o confrontam.

Tais constatações refletem, pois, fragmentos empíricos a revelar aspectos da hospitalidade local, podendo influenciar não apenas a imagem que o turista forma do destino, como também podem se configurar

como fator determinante do tempo de permanência do turista na localidade - e, por conseguinte, dos seus gastos.

Ademais, os entrevistados comumente afirmam a sua identidade de "nativos" do lugar como forma de se diferenciarem dos que vem de fora. Ex: "mas eu estou localizado, e ele (turista) evém né". Neste sentido, é possível que tais constatações nos remetam ao que Elias e Scotson (2000) denominam *carisma grupal distintivo* - no caso, um grupo que lança mão do seu tempo de residência num local e de seus laços de identificação para com o lugar para assim se reafirmar, em termos políticos, face a outros indivíduos que não possuem a mesma condição de antiguidade.

Uma entrevistada, por sua vez, indica que a nova atividade econômica exigia dos moradores locais aprimoramento e profissionalização do atendimento, o qual deveria tender à padronização, com vistas a atender uma demanda cada vez mais exigente:

*Com essa vinda do turismo a gente teve que começar a se profissionalizar, aí começou ao longo desse tempo... começamos a arrumar a pousada porque o público era cada vez mais exigente [...] porque o público que vinha começava a exigir. E foi esse público que foi transformando Ibitipoca.*

(dona de uma pequena pousada, 42)

Os relatos orais da pesquisa supracitada revelaram, por exemplo, que os agentes entrevistados apontaram haver certa discrepância entre a temporalidade dos moradores do lugar e a dos turistas, como se estes reproduzissem uma temporalidade acelerada, o que influenciaria diretamente no cotidiano da comunidade:

*Antigamente era mais tranqüilo, né. [...] Tenho saudade... porque a gente vivia naquela paz louca, né... e o negócio de turismo é muito corrido...*

<sup>15</sup> Os termos estabelecidos e outsiders se referem à figuração social expressa na obra de Elias e Scotson (2000). Maiores detalhes quanto às figurações observáveis no contexto turístico de Ibitipoca e sua respectiva aproximação com as teorizações de Elias e Scotson podem ser encontradas em Bedim e Paula (2006); e, ainda, em Bedim e Tubaldini (2006b).

*Já trabalhei muito em pensão, trabalhei na pensão da minha irmã quase quatro anos, trabalhei na pensão da sobrinha ali assim também... e o negócio de turismo é muito corrido, sabe.*

(dona-de-casa aposentada, 65).

No contexto do caso exemplificado, o pesquisador não buscava uma técnica de pesquisa que captasse os dados via "instrumentos positivistas consagrados", os quais, segundo Thiollent (1985), geralmente representam o social de forma quantitativa, "atômica" ou "psicologizante". Não se poderia pura e simplesmente reduzir os sujeitos a números, tampouco seria satisfatório aplicar regras de contagem de opiniões tão comuns na pesquisa empiricista<sup>16</sup> - cuja fetichização dos aspectos técnicos tentam dissimular os pressupostos ideológicos<sup>17</sup> (ibid.).

Vale destacar ainda um fator observado durante a análise das entrevistas: Apesar de muitos turistas serem lembrados e representados pelos entrevistados autóctones, nenhum deles narrou suas experiências pessoais com nenhum turista. É como se, por alguns instantes, o discurso se desse em terceira pessoa. Tais constatações, entretanto, podem ser interpretadas como traços identificadores da relação visitante-visitado e da hospitalidade local, extraindo-se, pois, dos depoimentos individuais, as marcas daquele determinado contexto social. O que temos, ao "visitar" tais relatos, são verdades temporárias do ponto de vista dos envolvidos, onde a forma como tais representações são relatadas podem revelar o seu conteúdo.

Mas qual o sentido que as pessoas deram à presença - e à ausência - dos turistas na localidade? Por que a memória desses sujeitos se estrutura a partir da lembrança de determinados turistas em detrimento de outros?

Primeiramente, podemos dizer que se o fato ou a pessoa relatados se repetem várias vezes, é porque aquilo (fato) ou aquele (sujeito/turista) foi de alguma forma importante para os entrevistados, um acontecimento significativo. Na visão de Pollak (1992:12), "entre aquilo que o relato tem de mais solidificado e de mais variável, podemos encontrar aquilo que é mais importante para a pessoa". Não obstante, Ecléa Bosi (1979:26) pondera que "existe uma relação entre o ato de lembrar e o relevo (existencial e social) do fato recordado para o sujeito que o recorda".

Tais representações individuais e sociais sobre o "universo pioneiro do turismo" em Ibitipoca estão atreladas ao fenômeno que Pollak (op.cit.:2) denomina "enquadramento da memória", onde os sujeitos e grupos rememoram os fatos seletivamente, elegendo seus heróis, lugares e datas, já que "podem existir acontecimentos regionais que traumatizaram tanto, marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação".

Nomear, falar sobre, significa dar existência a algo. Silenciar, ao contrário, seria uma forma de banalizar o fato - sendo o relato oral uma representação individual e social que envolve a mistura do fato e da avaliação do fato; do mito e do real; da imaginação e da realidade. Portelli (1996:121), aliás, destaca que "uma história se torna significativa na medida em que amplia o significado de um acontecimento individual (factual ou não), transformando-o na formalização simbólica e narrativa das auto representações partilhadas por uma cultura". A representação e o fato, assim, estariam conjugados.

O uso dos relatos acima refletem a história oral enquanto método de pesquisa e sua potencial aplicabilidade em um estudo envolvendo turismo e hospitalidade.

<sup>16</sup> Segundo Thiollent (1985:20) em termos mais abstratos e de um ponto de vista epistemológico, "o empiricismo pode ser caracterizado como um tipo de relação entre o sujeito cognoscente e o objeto de conhecimento na qual o sujeito "desaparece" em prol do objeto ou 'fato' cujo conhecimento estaria confiado nele próprio, independentemente da intervenção de uma problemática".

<sup>17</sup> Neste sentido, Pierre Bourdieu (1985a:151) é taxativo ao descrever as sondagens de opinião pública provenientes de análises estatísticas: "Digo simplesmente que a opinião, no sentido da definição social implicitamente admitida pelos que fazem sondagens de opinião ou pelos que utilizam os resultados das sondagens de opinião, não existe".

Para tanto, o respectivo papel de vigilância metodológica a ser protagonizado pelo pesquisador é de grande importância, através da crítica das condições de obtenção de dados e do diagnóstico das eventuais distorções da pesquisa - na tarefa de "rastrear o passado com os olhos do presente".

Se, conforme lembra Neves (2000), a nossa memória é uma multiplicidade de tempos, da qual nós só registramos alguns fragmentos e onde os diferentes eventos são lembradas à luz da experiência e das demandas do tempo presente, a nossa práxis interpretativa pode nos apoiar na releitura desses "vestígios históricos" de uma memória relacionada às várias inserções sociais do sujeitos com os quais lidamos nos estudos em turismo e hospitalidade.

### Considerações finais

Assim, foram expostas algumas possibilidades da história oral enquanto método de pesquisa e sua potencial aplicabilidade em abordagens socioantropológicas do turismo e da hospitalidade a partir dos relatos de agentes envolvidos nestes fenômenos - visitantes ou visitados. Para tanto, o respectivo papel de vigilância metodológica a ser protagonizado pelo pesquisador é de grande importância, através da crítica das condições de obtenção de dados e do diagnóstico das eventuais distorções da pesquisa. Faz-se importante, então, que tenhamos a reflexão necessária para compreender que tais instrumentos de investigação têm estatuto próprio, construído com base em décadas de prática de pesquisa e suas respectivas exigências e critérios metodológicos - para os quais o pesquisador em Turismo deve se capacitar.

Na medida em que olharmos, através de lentes atentas - e entre elas, certamente, estão os relatos orais -, para os aspectos que revelam o Turismo e a Hospitalidade como produções das sociedades humanas,

indissociáveis, portanto, dos seus aspectos históricos e sociais, podemos ampliar o entendimento sobre os fenômenos socioculturais e sobre as sociedades que o produzem, aumentando o nosso poder de atuar e intervir sobre a realidade social através do Turismo e da Hospitalidade, discutindo-os, analisando-os, compreendendo-os e transformando-os no sentido da sua humanização<sup>18</sup>.

Esse pode ser um bom motivo para continuarmos a investir no conhecimento histórico através de fontes orais como um instrumento valioso em nossos estudos. Além disso, é necessário refletirmos também sobre um outro questionamento importante que se faz a partir da pergunta: para quem utilizamos os relatos orais na pesquisa em Turismo e Hospitalidade?

Poderíamos afirmar que, primeiramente para nós mesmos e para nossa área de estudo, na medida em que, atuando como sujeitos comprometidos com o entendimento e a transformação do cotidiano social incerto e, muitas vezes perverso, ao qual estão submetidas as populações impactadas pelo Turismo, nos utilizamos dos relatos orais nas análises propostas em nossas pesquisas para tipificar, ilustrar e apoiar nosso exercício intelectual no sentido da compreensão de nossa realidade social.

Para quem? Para a própria sociedade, na medida em que os relatos orais das minorias, dos incluídos de modo subjugado e exploratório, dos nunca ouvidos, podem servir para a reestruturação do nosso corpo social em bases mais justas e democráticas.

Para quem? Fundamentalmente, devemos nos esforçar para que o nosso trabalho como pesquisadores esteja colocado para a reconstrução da nossa própria sociedade, destinando-o, prioritariamente, para os próprios grupos sociais e indivíduos com os quais temos contato em nossos estudos, no sentido de

<sup>18</sup>O autor aprofunda tal problemática na dissertação de mestrado que desenvolve atualmente. Ver Bedim (2006b).

instrumentalizá-los na compreensão de sua própria realidade e alicerçá-los em suas lutas por identidade, reconhecimento e respeito social.

### Referências bibliográficas

- ALBERTI, Verena. História oral: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1990. 202 p.
- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). Usos e abusos da História Oral. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. 304 p.
- BARRETO, Margarita. Relações entre visitantes e visitados: um retrospecto dos estudos socioantropológicos. Turismo em Análise, São Paulo, v.15, n.2, p.133-149, nov. 2004.
- BEDIM, Bruno P. Turismo e Mudanças Socioculturais em Conceição de Ibitipoca. 2005. 99f. Monografia (Bacharelado em Turismo) - Departamento de Turismo - UFOP, Ouro Preto.
- \_\_\_\_\_. "Memórias do Campo": Considerações metodológicas sobre o uso da história oral em estudos rurais. In: XVIII Encontro Nacional de Geografia Agrária: Perspectivas Teórico- Metodológicas da Geografia Agrária. Anais. Rio de Janeiro: UERJ-IBGE-UFRJ, 2006(a), v.1, 16p.
- \_\_\_\_\_. O processo de intervenção social do turismo na Serra de Ibitipoca - MG (Resumo expandido do Projeto de Pesquisa/ Dissertação de Mestrado). In: Anais do 6º Seminário Análise Ambiental e Organização do Espaço. Belo Horizonte: IGC/UFMG, 2006(b), v.1, p.6.
- \_\_\_\_\_. "Conflitos no Paraíso": a problemática socioambiental envolvendo turistas, IEF e a população rural do entorno do Parque Estadual do Ibitipoca - 1973/2006. In: XVIII Encontro Nacional de Geografia Agrária: Perspectivas Teórico- Metodológicas da Geografia Agrária. Anais. Rio de Janeiro: UERJ-IBGE-UFRJ, 2006(c), v.1, 23p.
- BEDIM, Bruno P.; TUBALDINI, M. A. S. Turismo e populações rurais do entorno de Unidades de Conservação: dilemas socioambientais entre diferentes formas de apropriação do território. Ciência & Tecnologia - OLAM, Rio Claro (SP), v.6, n.2, p.356-376, dez.2006(a).
- \_\_\_\_\_. The social configurations caused by the tourism in Conceição de Ibitipoca village, MG (Brazil): news relations and strategies of social distinction in the rural space. In: VII Congresso Latino-Americano de Sociologia Rural: La Cuestión Rural em América Latina: Exclución y Resistência Social & Por um agro con soberania, democracia y sustentabilidad &. Quito - Equador: ALASRU-FLACSO, 2006(b), v.1, 21p.
- \_\_\_\_\_. A chegada do 'outsider' ao rural-paraíso. Artigo inédito/ publicação interna (mimeo). Belo Horizonte: IGC/ UFMG, 2006(c). 38p.
- BEDIM, Bruno P.; PAULA, Heber Eustáquio de. Turismo e intervenção social em comunidades receptoras: considerações a partir de um ensaio etnográfico. In: Anais do IV Seminário de Pesquisas em Turismo do Mercosul. Caxias do Sul (RS): SEMINTUR/ANPTUR, 2006, v.1, 15p.
- BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. A opinião pública não existe. In: THIOLENT, Michel. Crítica Metodológica, investigação social e enquete operária. 4.ed. São Paulo: Polis, 1985a. p. 137-151.
- \_\_\_\_\_. Os Doxósofos. In: THIOLENT, Michel. Crítica Metodológica, investigação social e enquete operária. 4.ed. São Paulo: Polis, 1985b. p. 151-167.
- \_\_\_\_\_. Coisas ditas. Trad. Cássia Silveira e Denise Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 1990.

- \_\_\_\_\_. Compreender. In: BOURDIEU, Pierre et al. *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- \_\_\_\_\_. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p.183-191.
- CAMARGO, Aspásia. Quinze anos de História Oral: Documentação e Metodologia (apresentação). In: ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1990.
- CASTELLI, Geraldo. *Hospitalidade na perspectiva da gastronomia e da hotelaria*. São Paulo: Saraiva, 2005.
- DENZIN, Normam; LINCOLN, Yvonna. Introduction: entering the field of Qualitative Research. In: DENZIN, Normam; LINCOLN, Yvonna (eds). *Handbook of Qualitative Research*. London: Sage Publications, 1994. p. 1-17.
- DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. Trad. de Maria Isaura Pereira de Queiroz. 9.ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1978. (Biblioteca Universitária)
- ELIAS, N; SCOTSON, J.L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- ELIAS, Norbert. *Escritos & Ensaio: Estado, Processo, Opinião Pública*. (Organização e Apresentação de Federico Neiburg e Leopoldo Waizbordt). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- FREIRE, Doia; PEREIRA, Lígia Leite. História oral, memória e turismo cultural. In: MURTA, Stela Maris; ALBANO, Maria Celina (Orgs.). *Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002. p.121-130.
- GEERTZ, Clifford. *El antropólogo como autor*. Buenos Aires: Ed. Paidós Ibérica, 1989.
- IANNI, Octavio. *Enigmas da Modernidade-Mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- JOUTARD, Philippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p. 43-62.
- MAÎTRE, Jacques. Sociologia da ideologia e entrevista não-diretiva. In: THIOLENT, Michel. *Crítica Metodológica, investigação social e enquete operária*. 4.ed. São Paulo: Polis, 1985. p.213-223.
- NEVES, Lucília de Almeida. Memória, história e sujeito: substratos de identidade. *Revista da Associação Brasileira de História Oral*, n.3, p.109-116, jun.2000.
- PAULA, H. E. História oral e pesquisa em educação física e esporte: experiências vividas, reflexões necessárias. In: OLIVEIRA V. M. *História oral aplicada à educação física brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Central UGF, 1998. p 107-139.
- PEREIRA, Lígia Maria Leite. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. *Revista da Associação Brasileira de História Oral*, n.3, p.117-127, jun.2000.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p.1-15, 1992.
- PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996. p.103-130.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". In: VON SIMSON; Olga M. *Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)*. São Paulo: Vértice; Editora dos Tribunais, 1988. p.14-43.
- THIOLENT, Michel. *Crítica Metodológica, investigação social e enquete operária*. 4.ed. São Paulo: Polis, 1985.

- \_\_\_\_\_. Metodologia da Pesquisa-Ação. 12.ed. São Paulo: Cortez, 2003. (Coleção Temas básicos de Pesquisa-ação).
- THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- \_\_\_\_\_. História oral e contemporaneidade. Revista da Associação Brasileira de História Oral, n.5, p. 9-28, jun.2002.
- VOLDMAN, Danièle. Definições e usos. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). Usos e abusos da História Oral. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p.33-41.
- ZHOURI, Andréa. O "estar lá" no contexto da globalização: imagens da Amazônia através dos ativistas britânicos. Revista da Associação Brasileira de História Oral, n.5, p.89-105, jun.2002.